

MÍDIA E TECNOLOGIA EM (DIS)CURSO(S): PANDEMIA, *FAKENEWS* E ROBÔS NA PRÁTICA JORNALÍSTICA

Ceres Ferreira Carneiro¹

Fernanda Luzia Lunkes²

Silmara Dela Silva³

Neste trabalho, voltamos-nos ao funcionamento discursivo da/na mídia, em seus modos de constituir, formular e fazer circular sentidos, para promover uma reflexão teórico-analítica acerca do enlace entre mídia e tecnologia que se marca no discurso jornalístico brasileiro, em suas práticas atuais. Com o objetivo de discutir o funcionamento do discurso da/na mídia que traz, em sua constituição, as novas tecnologias, apresentamos uma reflexão teórico-analítica acerca do fazer jornalístico, no contexto da pandemia provocada pelo novo coronavírus, no que se refere à produção automatizada de notícias, voltando-nos mais especificamente ao uso de robôs na prática jornalística.

Para tanto, tomamos para análise a empresa jornalística independente *Aos Fatos* e o robô por ela desenvolvido, cujo propósito é atuar na confirmação da veracidade de fatos. Denominado *Fátima* (abreviação de *Fact Machine*), o robô, lançado em 2018, é um sistema de inteligência artificial que realiza checagens de notícias publicadas. No Twitter, atua monitorando o feed de mensagens a cada 15 minutos; na rede social WhatsApp, simula práticas de interação com usuários a partir de um número próprio. Durante a pandemia da COVID-19, conforme registro no *site* da *Aos Fatos* (2020), o robô *Fátima* vem auxiliando os leitores a verificarem notícias sobre a COVID-19 e avaliarem a confiabilidade de quem as publicou, além de enviar notícias atualizadas e já checadas.

A criação e utilização do robô *Fátima* insere-se, assim, em uma conjuntura de proliferação de notícias falsas em aliança à criação de agências de checagem de notícias. Conforme Dela-Silva (2021, p. 5951): “[...] a necessidade dos serviços de checagem se assenta nas mudanças nas condições de circulação de informações que, com o crescimento das redes sociais digitais – tais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *WhatsApp*, por exemplo – entram em concorrência com a mídia jornalística na prática de dar a saber sobre os acontecimentos de um dado período”. Nesse contexto sócio-histórico, e seguindo o modelo norte-americano de implementação de agências de checagem, passam a funcionar no Brasil inúmeros serviços de checagem; muitos deles surgem associados à grande mídia, a exemplo dos *blogs* “Estadão Verifica”, lançado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* em 2017; ou “É isso mesmo?”, posto em funcionamento

¹ Professora Adjunta do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do grupo de pesquisa MiDi – Mídia e(m) Discurso. E-mail: cerescarneiro@gmail.com.

² Professora Adjunta do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia. Vice-líder do grupo de pesquisa MiDi – Mídia e(m) Discurso. E-mail: flunkes@gmail.com.

³ Professora Associada do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ (2018-2022). Líder do grupo de pesquisa MiDi – Mídia e(m) Discurso. E-mail: silmaradela@gmail.com.

pelo grupo *O Globo*, em 2018. Outros, no entanto, decorrem de iniciativas independentes, não associadas à grande mídia, como “Aos fatos” e “Boatos.org”, por exemplo.

Neste trabalho, interessa-nos a iniciativa da agência “Aos fatos”, que em suas práticas de checagem, cria Fátima, a robô checadora. Tal prática mobiliza questões técnicas e tecnológicas, salienta os processos de circulação do discurso, os quais, conforme nos traz Dias (2018), configuram-se como perspectiva privilegiada para se refletir sobre a produção dos discursos em relação aos de formulação, que são tensionados no jogo entre o que pode comparecer como dominante em relação a um determinado acontecimento.

Em suas teorizações, Orlandi (2016) aponta para a possibilidade construída em torno dos trabalhos intelectual e de interpretação a partir das novas tecnologias de linguagem, ponto incontornável ao analista de discurso que se volta à mídia e(m) seus funcionamentos. Este movimento teórico-analítico discursivo, que imprime a perspectiva materialista aos gestos de interpretação, demanda do analista tomadas de posição próprias ao percurso empreendido. Conforme Dias (2018), trata-se de considerar a historicidade; para tanto, mobilizam-se as condições de produção das tecnologias a fim de equivocar o imaginário de saturação e transparência da/na tecnicidade e colocar em questão os efeitos produzidos pela técnica em uma determinada formação social e na existência material dos sujeitos.

Nesse sentido, mobilizamos o trabalho de DalBen (2019), que apresenta questões em torno da relação entre prática jornalística e tecnologia(s) a partir da análise dos robôs Fátima, Rosie e Rui Barbot. A autora menciona que a produção automatizada de textos jornalísticos é realizada desde os anos 1970. Nessa década, a mobilização da Inteligência Artificial voltava-se especialmente à publicação de notícias breves, com textos cujas estruturas eram pré-determinadas - por jornalistas, vale salientar - e que tratariam de diversos assuntos, como esportes, finanças, eleições, trânsito, fenômenos climáticos, entre outros,

A autora se afasta de uma perspectiva predominantemente tecnocêntrica, a qual, especialmente nos últimos anos, tem possibilitado a (re)emergência de tensões como aquelas relativas ao futuro do jornalista e(m) sua prática quando articulada com/por tecnologias. DalBen (2019) defende a atuação do jornalista, que passa a ser reconfigurada a partir da articulação com uma complexa rede que envolve, em suas palavras, além dos jornalistas, “empreendedores, programadores, analistas de dados, computadores, softwares, algoritmos, textos, bancos de dados” (DALBEN, 2019, p. 6). A autora ressalta, assim, um movimento em curso desde a década de 1990 que incide na multidisciplinaridade da/na prática jornalística, colocando em questão um aspecto original na aplicação de Inteligência Artificial no Brasil pela possibilidade de “apuração e suporte para o trabalho realizado pelos jornalistas” (DALBEN, 2019, p. 17).

Em relação ao Fátima, destaca o combate à desinformação, além de divulgar “boas práticas para melhorar o senso crítico dos consumidores de informação na internet” (DALBEN, 2019, p. 17), pois o robô não manda mensagem ao leitor/internauta afirmando sobre a falseabilidade de uma notícia, mas encaminha o leitor para um link que dá acesso a outra versão da notícia (cuja veracidade foi confirmada). A autora ainda apresenta práticas do robô na página do Aos Fatos no Facebook, como trazer dicas ao internauta sobre como diferenciar uma notícia de uma opinião e encontrar dados confiáveis para diferentes temas.

Um dos pontos de nossa análise se relaciona ao processo de designação do robô, o qual atribui um sentido a ele. Longe de se parecer uma abreviação de *Fact Machine*, *Fátima*, o robô, parece mais ser o nome de alguém, afinal, muitas mulheres brasileiras assim se chamam. Segundo Henriques (2012, p. 5), os

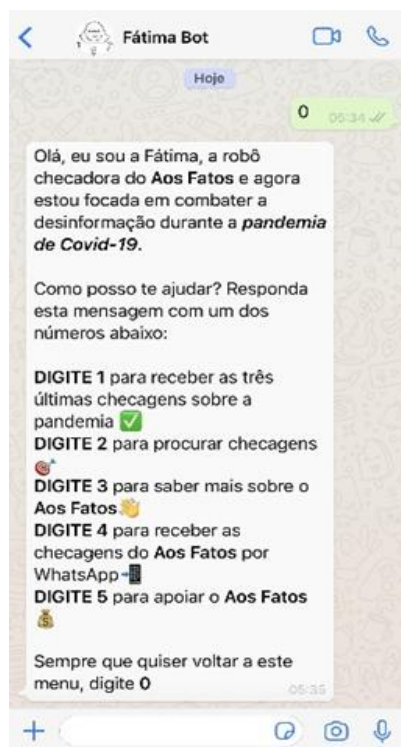
nomes próprios “possuem uma denominação imotivada e designam um objeto determinado”, provocando, com isso, a ilusão de que o robô existe fora do mundo virtual, afinal, os nomes trazem em si “uma significação pré-definida”, conduzindo, portanto, a entidade nomeada não só a um “processo de referência” (HENRIQUES, 2012, p. 11), mas também a um processo de humanização. O nome *Fátima*, entretanto, traz uma significação de mulher: ela procura afastar seus usuários dos perigos provocados pelas *fake news*, conferindo, sugerindo, direcionando ao bom caminho, aconselhando, práticas essas comumente atribuídas às mães, produzindo, assim, um efeito de familiaridade que, por sua vez, tornaria o robô ainda mais confiável, conforme pode ser verificado na resposta desse usuário.

SD1: Muito obrigado, vou verificar!

— Ricardo di Paula (@Ricdipaula) July 28, 2018

Fátima se apresenta em condições nas quais os discursos produzidos durante e sobre a pandemia oscila(va)m entre a notícia verdadeira e a notícia falsa (boato, *fake news*), marcando o discurso jornalístico como responsável por não fazer circular uma explicação para um fato que destoe daquele inicialmente relatado (MARIANI, 1998). O boato, entendido como um meio de estabelecer poder a quem o conhece, controla e o faz circular (ORLANDI, 2001) assume, em nosso mundo digital, as características da “língua de vento” (GADET; PECHEUX, [1981] 2004), espalhando-se por “brechas” por onde outros elementos não acessam e se movimentando na velocidade de um furacão, fazendo o discurso jornalístico de *Aos fatos* atuar por outro viés: o da seleção e reprodução de discursos que retomam uma memória do fazer jornalístico como estando comprometido com o “fato em si”, procurando, assim, interditar, com esse gesto, o “vento” que faz fluir as *fake news* e/ou os boatos. Observemos a mensagem inicial de *Fátima*, ao ser acessada no Whatsapp (Figura 1):

Figura 1 – Print da mensagem inicial de *Fátima*, ao ser acessada no Whatsapp⁴



⁴ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/com-foco-na-pandemia-aos-fatos-lanca-robô-checkadora-fatima-no-whatsapp/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Ela se apresenta dizendo quem é e da sua função de alertar o leitor sobre o que “não é verdade” após checagem de notícias sobre a COVID-19 em circulação na mídia digital. Ela tem o propósito de dizer sobre o que não é notícia, dizendo sobre o que é boato, a fim de interditar a circulação de notícias falsas sobre a pandemia. Mas ela vai além da checagem e do aviso sobre a não veracidade do que foi publicado: Fátima se coloca à disposição para apresentar aos usuários outras checagens (“para receber”, “para procurar”) e para dizer mais sobre si (“para saber mais sobre”), além de pedir apoio financeiro para continuar servindo à causa (“para apoiar”), dando ao usuário alternativas de verificar o que é boato e impedir a sua circulação.

Mas o que Fátima nos leva a pensar sobre os discursos jornalísticos em relação à tecnologia? Compreendemos que o discurso a respeito do serviço automatizado, destinado à checagem de fatos, funciona como uma produção midiática que não é dedicada a construir novos acontecimentos jornalísticos, mas a mobilizar um gesto de oposição ao (des)fazer jornalístico não comprometido com o “fato relatado”. E, desse modo, ao posicionar-se como sendo capaz de dizer o que é fato, a prática da “robô checadora” reafirma o discurso jornalístico em curso nas agências de checagem, que funciona pelo apagamento de que o princípio básico de toda prática jornalística é (ou ao menos deveria ser) a apuração, a checagem da notícia.

REFERÊNCIAS

- AOS FATOS. **Com foco na pandemia, Aos Fatos lança a robô checadora Fátima no WhatsApp**. 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/com-foco-na-pandemia-aos-fatos-lanca-robo-checadora-fatima-no-whatsapp/>. Acesso em: 29 abr. 2021.
- DALBEN, Silvia. O uso de robôs no jornalismo brasileiro: três estudos de caso. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO*, 6., 2019, São Paulo. **Anais**. São Paulo: [S. n.], 2019. p. 1-20. Disponível em: [https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/6/SILVIA_DALBEN-O uso de robos no jornalismo brasileiro tres estudos de caso.pdf](https://projetos.abraji.org.br/seminario/PDF/6/SILVIA_DALBEN-O%20uso%20de%20robos%20no%20jornalismo%20brasileiro%20tres%20estudos%20de%20caso.pdf). Acesso em: 29 abr. 2021.
- DELA-SILVA, Silmara. “Checar fatos e desmentir boatos”: fake news e discurso jornalístico no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 2, abr./jun. 2021.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- GADET, Françoise; PÉCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Campinas-SP: Pontes, [1981] 2004.
- HENRIQUES, Stefania. M. O conceito de nome próprio: uma questão linguístico-filosófica. **Anais do SIELP**, Uberlândia, v. 2, n. 1, 2012.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.
- ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes, 2016.
- ORLANDI, Eni. Boatos e silêncios: os trajetos dos sentidos, os percursos do dizer. *In: Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001. p. 127-140.
- VON HAFFTEN, M. Robô Fátima dissemina informações verificadas no Brasil. **IJNET**, 07 out. 2018. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/rob%C3%B4-f%C3%A1tima-dissemina-informa%C3%A7%C3%B5es-verificadas-no-brasil>. Acesso em: 02 set. 2021.